

Um breve panorama da arquitetura brutalista em Londrina-PR

Juliana Harumi Suzuki

Formação: Arquiteta (UEL, 1989), Mestre e Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAUUSP (2001/2007)

Filiação institucional: Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Endereço: Rua Nicolau Maeder 330 apt. 62 - Alto da Glória

80.030-330 – Curitiba-PR-Brasil

Fone: (41) 3205-9659 / (41) 9825-0467

E-mail: julianahsuzuki@hotmail.com / suzuki@ufpr.br

RESUMO

Londrina é uma cidade fundada na década de 1930, a partir da expansão da fronteira agrícola paulista. Embora jovem, possui uma trajetória histórica e arquitetônica peculiar, produtos de sua colonização por uma empresa de capital privado inglês e, a partir dos anos 1940, do surto de desenvolvimento proveniente da economia cafeeira, responsável pela introdução da arquitetura moderna em seu meio urbano. O desejo de uma imagem de modernidade constitui-se em ponto central para a história da arquitetura em Londrina. No final dos anos 1940 e ao longo das décadas seguintes, apenas cerca de 20 anos de sua fundação, a cidade já apresentava uma fisionomia moderna, cuja materialização mais emblemática é, sem dúvida, o conjunto de obras de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, produzido entre 1948 e 1955, em sua área central. Nos anos 1950, outros profissionais, predominantemente engenheiros, dominaram o mercado da construção em Londrina, cujas obras se alinham, em termos formais, ao que se produzia em São Paulo e no Rio de Janeiro. Nos anos 1960 surgiram obras que se destacavam pela utilização extensiva do concreto armado aparente e pela ênfase estrutural. Os volumes de aparência maciça apresentavam interiores fluidos e flexíveis, soluções que contrastavam com um cenário ainda predominantemente marcado por vazios urbanos e por uma arquitetura de pequena escala, convertendo-os em monumentos na paisagem. Essa arquitetura remete diretamente à arquitetura brutalista paulista, mas constitui-se em afiliação que se limita mais aos aspectos formais que aos valores éticos e conceituais. São representações de um certo “estilo brutalista”. Este trabalho propõe uma breve visão de alguns exemplares da arquitetura de características brutalistas em Londrina. São apresentados o edifício-sede do Instituto Agrônomo do Paraná (1971-75), de autoria de Marcos Souza Dias; a Associação Odontológica Norte do Paraná (1972-75), de Leo de Judá Barbosa; a Câmara de Vereadores (1976-77) e a Prefeitura Municipal (1982-83), ambas de Carlos Sérgio Bopp e Luiz César da Silva; e o Fórum Estadual de Londrina (1982-83), de Carlos Emiliano França. As obras marcaram o cenário urbano da época, revelando o diálogo existente entre a arquitetura paulista e aquela produzida em Paraná na década de 1970, que se estendeu até o início dos anos 1980. A reprodução dos modelos brutalistas em Londrina deu-se em edificações predominantemente públicas e remete ao desejo, recorrente desde os primeiros anos de sua fundação, de alinhar-se aos padrões utilizados nos grandes centros urbanos brasileiros.

Palavras-chave: Arquitetura Moderna. Arquitetura Brutalista. Arquitetura Paranaense.

ABSTRACT

Londrina is a city founded in the 1930s, from the expansion of the agricultural frontier of the state of São Paulo. The city has a peculiar architectural and historical path from the colonization by a private English company. In the 1940s, the development of the coffee culture was responsible for the introduction of modern architecture in its urban environment. The desire for a modern image is a central issue in the history of architecture in Londrina. In the late 1940s and throughout the following decades, only about 20 years of its foundation, the city already had a distinctive modern character, whose most emblematic embodiment are the works produced by the architects Vilanova Artigas and Carlos Cascaldi between 1948 and 1955, in the central area of the city. In the 1950s, the construction market in Londrina was dominated by engineers whose works were aligned, in formal aspects, to the architectural achievements in São Paulo and Rio de Janeiro. In the 1960s buildings made in raw concrete were aroused. The volumes of massive appearance present fluid and flexible interior spaces that contrast with a small scale architectural scenario, converting them into monuments in the landscape. This architecture refers directly to the brutalist architecture made in São Paulo, but this similarity is limited more in formal aspects than ethical and conceptual values. They are representations of a certain "brutalist style." This paper presents a brief overview of some examples of brutalist architecture in Londrina. The article analyzes the headquarters of the Agronomic Institute of Paraná (1971-75), projected by Marcos Souza Dias, the Dental Association of Northern Paraná (1972-75), by Leo de Judá Barbosa; the City Council (1976-77) and City Hall (1982-83), both made by Carlos Sérgio Bopp and Luiz César da Silva, and the Forum of Londrina (1982-83), by Carlos Emiliano França. The buildings are remarkable in the urban landscape, revealing the dialogue between the architecture of São Paulo and Paraná in the 1970s, which lasted until the early 1980s. The reproduction of brutalist models in Londrina occurred predominantly in public buildings and refers to the desire of alignment with the patterns used in large Brazilian cities, a recurrent phenomenon since the early years of its foundation.

Keywords: Modern Architecture. Brutalist Architecture. Architecture in Paraná.

Um breve panorama da arquitetura brutalista em Londrina-PR

Da madeira ao concreto

Londrina é uma cidade fundada na década de 1930, a partir da expansão da fronteira agrícola paulista. Embora jovem, possui uma trajetória histórica e arquitetônica peculiar, produtos de sua colonização por uma empresa de capital privado inglês e, a partir dos anos 1940, do surto de desenvolvimento proveniente da economia cafeeira, responsável pela introdução da arquitetura moderna em seu meio urbano.

Nos primeiros anos, a urgência de ocupação dos lotes urbanos, que representava abatimento dos valores a serem pagos, transformou a cidade num cenário semelhante a um acampamento, com habitações precárias feitas de toras de palmito, chão batido e cobertas com tábuas de pinho. Contudo, tão rápido quanto possível, as construções de madeira bruta foram substituídas por outras, mais elaboradas. Mesmo assim, apesar da presença de inúmeros exemplares de grande sofisticação construtiva, perdurou o estigma da madeira como material pobre, que deveria ser substituído assim que a condição financeira dos proprietários permitisse.

A madeira foi material predominante no cenário urbano até os anos 1940, mas já em 1935 foi construído o primeiro sobrado em alvenaria (CASTELNOU, 2002). A alvenaria passou rapidamente a substituir a madeira, principalmente nas habitações das famílias mais abastadas. A prosperidade proporcionada pela cultura cafeeira permitiu a proliferação de casarões, cujas fachadas em estilo eclético imitavam os palacetes da burguesia paulistana.

No final dos anos 1940, Londrina viveu um surto de crescimento beneficiado pelas boas safras de café. A circulação de capitais na cidade permitiu a ocorrência de dois fenômenos que contribuíram significativamente para a modificação da paisagem londrinense: o surgimento dos primeiros edifícios altos e os projetos de Vilanova Artigas e Carlos Cascardi na cidade.

A dupla de arquitetos elaborou 12 projetos para Londrina, dos quais 7 foram construídos: a Estação Rodoviária (1948-1952); o conjunto Cine Ouro Verde (1948-52) – edifício Autolon (1948-1951); a Casa da Criança (1950-1955); a residência Milton Ribeiro de Menezes (1952); os vestiários do Londrina Country Club (1951) e o anexo da Santa Casa de Londrina (1952-1955). Foram obras públicas e privadas, que materializaram o desejo da burguesia londrinense em demonstrar que a cidade estava em dia com os acontecimentos arquitetônicos dos grandes centros urbanos do país. O conjunto de obras é responsável também pela introdução da arquitetura moderna no norte do Paraná (SUZUKI, 2003).

Paralelamente às obras de Artigas e Cascardi, a fisionomia urbana de Londrina se transformava também pela presença de edifícios verticais erguidos no centro da cidade. As razões da verticalização se referem mais a motivos simbólicos que funcionais, posto que a cidade era pequena e não possuía nenhum problema de escassez de espaço ou de terrenos urbanos. A verticalização também foi impulsionada pela cultura cafeeira e o centro de Londrina recebeu inúmeros prédios residenciais e comerciais até a entrada dos anos 1970.

Os anos 1970 marcaram o início do declínio na monocultura cafeeira no norte do Paraná. A erradicação do café na região foi acentuada pela ocorrência de uma grande geada em 1975, que contribuiu decisivamente para a transformação da economia regional e, conseqüentemente, do cenário urbano. A crise econômica repercutiu no mercado da construção local – os empreendimentos privados diminuíram drasticamente, limitando a produção arquitetônica de grande e médio portes ao poder público e a entidades de classe.

Arquitetura brutalista em Londrina

O cenário sombrio do mercado construtivo londrinense foi paralelo à introdução de uma arquitetura de volumes maciços, de estruturas em concreto aparente expostas nas fachadas, deixando seus espaços interiores fluidos e flexíveis. Tratava-se de uma arquitetura que remetia ao modelo brutalista, de origens paulistanas.

Dentre os mais significativos exemplares de características brutalistas em Londrina destacam-se o edifício-sede do Instituto Agrônomo do Paraná (1971-75), de autoria de Marcos Souza Dias; a Associação Odontológica Norte do Paraná (1972-75), de Leo de Judá Barbosa; a Câmara de Vereadores (1976-77) e a Prefeitura Municipal (1982-83), ambas de Carlos Sérgio Bopp e Luiz César da Silva; e o Fórum Estadual de Londrina (1982-83), de Carlos Emiliano França.

O Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR) foi oficialmente criado em 1972, através de uma articulação entre o Instituto Brasileiro do Café (IBC) e o governo do Estado. Os projetos da sede definitiva já estavam em andamento desde o ano anterior, sendo o projeto arquitetônico elaborado pelo arquiteto Marcos Souza Dias, na época, radicado em São Paulo e professor da FAUUSP.

Situado numa área de 105 alqueires nos arredores de Londrina, o IAPAR é um centro de pesquisas agropecuárias, vinculado atualmente à Secretaria do Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (IAPAR, 2010). Trata-se de um conjunto arquitetônico de grande porte, composto de setores de pesquisa, como laboratórios e biblioteca, e áreas de cultivo experimental, além do setor administrativo, tendo sido concluído somente em 1975.

Do conjunto arquitetônico do IAPAR, destaca-se o edifício-sede, um volume prismático regular fechado, antecedido por espelho d'água, onde sobressaem colunas externas na fachada principal, referência aos projetos de Niemeyer para Brasília. Todo o volume é revestido por uma superfície de elementos vazados em concreto, por vezes com função de proteção solar, mas em certas áreas apenas por razões compositivas. O interior é composto por dois pavimentos cobertos por laje nervurada aparente. Os ambientes são definidos por paredes divisórias leves, que permitem facilmente modificações internas. É evidente a associação às obras brutalistas em São Paulo, sobretudo pelo uso extensivo do concreto aparente. No entanto, ao ser questionado sobre o fato, o arquiteto Marcos Souza Dias¹ negou que houvesse uma influência estética intencional. Era, segundo ele, a melhor solução para o programa que se apresentava.

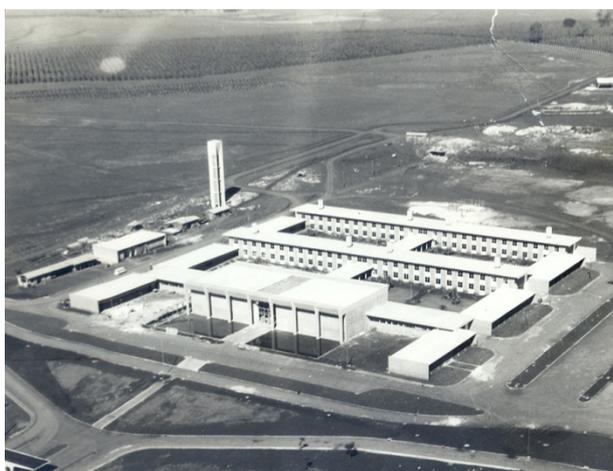


Figura 1: Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR) – Vista aérea

Fonte: Acervo IAPAR

¹ Mensagem tipo e-mail à autora em 08/06/2013.



Figura 2: IAPAR – Fachada

Fonte: Acervo IAPAR



Figura 3: IAPAR – Detalhe da fachada principal

Fonte: Autora (2013)



Figura 4: IAPAR – Vista do hall de entrada

Fonte: Autora (2013)

A sede da Associação Odontológica Norte do Paraná (AONP) foi iniciada em 1972 e concluída em 1975. O arquiteto Léo de Judá Barbosa foi o autor do projeto, construído em terreno doado pela prefeitura municipal, no Jardim Los Angeles. O edifício constitui-se num volume suspenso em concreto aparente, apoiado sobre 4 pilares, sob o qual se localizava um espelho d'água. Rampas davam acesso aos pavimentos superiores, cujos ambientes eram subdivididos por paredes leves. O recurso da elevação do volume permitia a visualização do perfil da cidade, posto que a obra encontrava-se em ponto mais elevado na praça onde se implantava.

Segundo publicação da época:

A obra é um verdadeiro monumento, o que tem atraído turistas das mais longínquas regiões brasileiras, como é o caso de visitantes de Belo Horizonte que vieram para cá especialmente para conhecer o prédio (O ESTADO DO PARANÁ, 21/06/1975).

No início dos anos 2000, o vazio sob o bloco foi vedado com vidro e ocupado por clínicas de atendimento. Com a transferência da sede da AONP, construiu-se um bloco contíguo ao edifício, destruindo a relação original deste com a praça e o seu entorno imediato. Quase nada resta atualmente das características que faziam desta obra uma das mais relevantes dos anos 1970 na cidade.

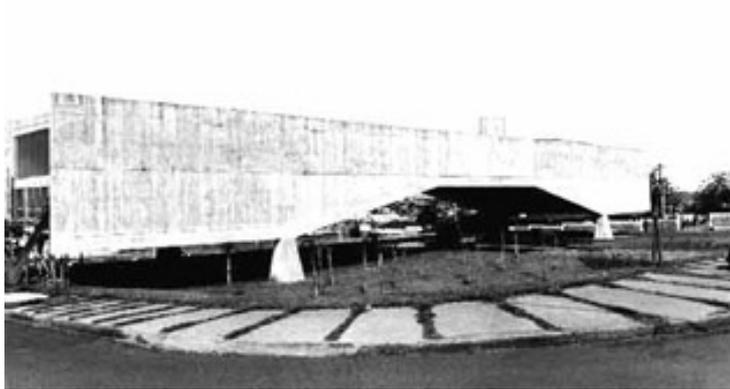


Figura 5: Associação Odontológica Norte do Paraná (AONP)

Fonte: Câmara Municipal de Londrina (2013)



Figura 6: AONP- Vista fachada com fechamento do vão central

Fonte: Acervo de Anderson Pasqualini



Figura 7: AONP – Detalhe pilar

Fonte: Acervo da autora – foto de Taliana Cabrera (2013)

A Câmara Municipal de Vereadores, a Prefeitura e o Fórum Estadual compõem o Centro Cívico da cidade. As duas primeiras são de autoria dos arquitetos Carlos Sérgio Bopp e Luiz César da Silva. O Fórum é projeto do arquiteto Carlos Emiliano França. Segundo Castelnou (2002), a execução do conjunto ocorreu entre 1976 e 1983, a cargo da Construtora Brasília e da Construtora Plaenge S.A.

A Câmara de Vereadores foi a primeira a ser concluída, em 1977. Trata-se de um edifício fechado, cujo ambiente central é o plenário, ao redor do qual se organizam os demais ambientes. Exteriormente, o acesso se dá através de rampa que liga a praça ao edifício. A obra é caracterizada “pelo uso do concreto aparente, pela ênfase na flexibilidade e circulação, e pela funcionalidade de suas soluções, fortes marcas da Escola Paulista, de cunho essencialmente brutalista” (CASTELNOU, 2002, p. 257)

A Prefeitura Municipal consiste em um conjunto de dois blocos de três pavimentos cada, interligados por um eixo de circulação ladeado por jardins internos. O pavimento térreo destina-se predominantemente ao atendimento público, e os pavimentos superiores às secretarias e ao gabinete do prefeito. Prevendo a necessidade de um espaço flexível, utilizou-se a planta livre com paredes divisórias leves. Além das estruturas aparentes, ficavam à mostra as instalações elétricas e hidráulicas. Ao longo dos anos, modificações foram introduzidas, sendo uma das mais significativas a ocultação da laje grelhada por um forro.

O Fórum Estadual é a terceira edificação que compõe o Centro Cívico de Londrina. Inaugurada em 1983, é composta de dois blocos de quatro pavimentos, interligados por rampas de acesso. Destaca-se na composição da fachada a sucessão de *brise-soleils* verticais fixos em concreto, que circundam todo o perímetro da edificação. Trata-se de solução menos funcional que decorativa, uma vez que a posição dos elementos não considera a trajetória solar, pouco servindo para controle de insolação.



Figura 8: Câmara de Vereadores – Fachada principal

Fonte: Autora (2013)



Figura 9: Câmara de Vereadores – Fachada lateral

Fonte: Autora (2013)



Figura 10: Prefeitura Municipal – Fachada principal

Fonte: Autora (2013)



Figura 11: Prefeitura Municipal – Circulação externa

Fonte: Autora (2013)



Figura 12: Prefeitura Municipal – Detalhe *brise-soleil*

Fonte: Autora (2013)



Figura 13: Fórum Estadual – Fachada principal

Fonte: Autora (2013)



Figura 14: Fórum Estadual – Fachada lateral

Fonte: Autora (2013)



Figura 15: Fórum Estadual – vista rampas internas

Fonte: Autora (2013)



Figura 16: Fórum Estadual – Vista escadas internas

Fonte: Autora (2013)

A Influência da Arquitetura Paulista em Londrina: alguma explicação

A influência paulista em Londrina extrapola os limites da arquitetura – desde a colonização, nos anos 1930, são fortes os laços da cidade com a capital do Estado de São Paulo, dada a origem

dos primeiros habitantes, da rede de transportes para o escoamento da produção cafeeira e do fluxo de capitais gerado pela agricultura.

Os anos 1960, segundo Segawa (1998), foram marcados pela dispersão de um significativo contingente de arquitetos para várias regiões brasileiras, em busca de novas oportunidades profissionais.

Essas migrações internas (...) transcendem o mero sentido de deslocamento de profissionais em busca de oportunidade melhores. Esse trânsito de profissionais pelo país simboliza uma troca e um enriquecimento de valores que, como sementes ao vento, vão desenvolver novas atitudes em outras paragens. (...) Essas migrações caracterizaram um processo de transferência de conhecimento e tecnologia de regiões mais desenvolvidas (como Rio de Janeiro, São Paulo e os grandes centros regionais) para outras menos desenvolvidas, num processo indutivo de modernização e uniformização de valores culturais e técnicos via arquitetura (SEGAWA, 1998, p. 134).

No caso de Londrina, são claras as influências arquitetônicas paulistas desde os primeiros anos de sua fundação. Os casarões em alvenaria, elaborados em postura eclética à moda dos existentes na Avenida Paulista, e os edifícios verticais, semelhantes aos que se veem no bairro de Higienópolis, são apenas alguns exemplos.

Os anos 1960 também assinalam a fixação de arquitetos na cidade. Nas décadas anteriores, a produção arquitetônica cabia a engenheiros ou a arquitetos forasteiros, contratados por empresas construtoras que atuavam na região (SUZUKI, 2011). De uma maneira geral, a relação com São Paulo ou com grandes capitais regionais é recorrente, seja por origem ou formação acadêmica. Não surpreende que estes profissionais reproduzam em Londrina os modelos que lhes eram familiares.

As obras citadas são ilustrativas da influência paulista sobre a arquitetura em Londrina. O arquiteto Marcos de Souza Dias (n.1943) atuava em São Paulo, também como professor da FAUUSP. O convite para elaborar o projeto do IAPAR deveu-se às suas ligações com a agropecuária. Embora negando com certa veemência qualquer influência brutalista em seu projeto, é evidente a semelhança entre a sede do IAPAR e edifícios localizados em São Paulo, da mesma época. Também é clara a alusão à arquitetura de Niemeyer em Brasília, sobretudo dos palácios governamentais, cuja fachada destaca a sucessão linear de colunas, antecedida por espelhos d'água. São referências cruzadas que se tornaram comuns na arquitetura produzida a partir dos anos 1960 em diferentes regiões brasileiras (BASTOS & ZEIN, 2010).

O arquiteto mineiro Léo de Judá Barbosa (1938-2013) trabalhava na Petrobrás em Belo Horizonte, quando foi demitido e cassado após o golpe militar de 1964, transferindo-se então para Londrina. O projeto da AONP lança mão de recursos formais característicos do repertório da arquitetura moderna praticada nos grandes centros urbanos: a elevação do solo, os 4 grandes apoios que se destacam na composição, o espelho d'água, as rampas de acesso, a laje nervurada, a fluidez espacial. É o caso típico da "nova elaboração formal sobre modelos dos anos de 1950-1960", como definem Bastos & Zein (2010).

O arquiteto Carlos Emiliano França, autor do projeto do Fórum Estadual, graduou-se na Universidade Federal do Paraná nos anos 1960, tendo professores em sua grande maioria advindos de São Paulo. Carlos Sérgio Bopp (n.1937) graduou-se na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e passou a residir em Londrina em 1961, associando-se ao paranaense Luiz César da Silva (1933-1996), formado na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

O Centro Cívico de Londrina é manifestação característica de arquitetura do período desenvolvimentista:

A busca de lugares próprios para a administração pública tornou-se recorrente sobretudo no Brasil dos anos de 1970 – tanto com a implantação de centros políticos-administrativos ocupando grandes vazios na periferia (...) quanto na construção de suntuosos edifícios para sedes de empresas estatais ou paraestatais -, fenômeno que não deve ser desvinculado da ostentação do “milagre econômico” do período nem da política de centralização administrativa, ao estilo autoritário do governo pós-golpe de 1964 (SEGAWA, 1998, p. 176).

Desta forma, o conjunto situava-se, na época de sua implantação, numa área ainda pouco ocupada da cidade, às margens do Lago Igapó. Embora de autores diferentes, os projetos seguem as mesmas diretrizes – sobriedade, monumentalidade e ausência de conexão com o entorno imediato. Os três projetos tendem à exacerbação projetual na demonstração do uso do concreto aparente, constituindo-se, nos três casos, em uma interpretação maneirista do vocabulário da arquitetura paulista.

Para não se estender na polêmica acerca da definição do termo “Brutalismo”, se se caminha em direção a uma vertente “ética” ou “estética”, conforme Banham (1966), opta-se aqui pela posição defendida por Zein (2007), sustentando que:

(...) ao invés de descartar o brutalismo como termo inadequado, conceitualmente vago, ou inefável, é possível que ele revele – se aceitarmos os fatos em si mesmos de maneira pragmática, ou talvez “fenomenológica” – ser paradoxalmente adequado. Basta considerar ser possível renunciar à busca de uma harmonia interna entre obras de aparências aproximadas, mas muitas vezes de essências díspares; e, ao invés disso, buscar compreender que o que de fato as reúne não é muito mais, embora sim substancialmente, seu aspecto externo e superficial.

As características formais desse brutalismo paulista, segundo Zein (1983, p.78), são:

(...) procura de horizontalidade; jogos de níveis quase sempre reunidos num bloco único, destacado do chão; tratamento cuidadoso de estrutura de concreto armado aparente; elementos de circulação têm função destacada: se internos, definem zoneamento e usos, se externos, sua presença plástica é marcante. A tecnologia empregada é a do concreto armado ou protendido, fundido in loco, utilizando lajes nervuradas, pórticos, pilares com desenho diferenciado, sempre com vãos livres e balanços amplos, sheds, grandes empenas de concreto usadas como quebra-sol ou plano de reflexão de luz, jogos de iluminação zenital/lateral, volumes anexos com estrutura independente. Nos memoriais os autores mostram-se preocupados com a flexibilidade de uso dos espaços e possível renovação na sua destinação; segundo eles, isso comparece no projeto através da modulação, previsão de amplos espaços cobertos, concentração de funções de serviço. Sua relação com o entorno é claramente de contraste visual, apesar de se proporem integrados com o sítio, pela facilidade de acessos.

As obras brutalistas em Londrina afiliam-se mais aos aspectos formais que aos seus valores éticos e conceituais. São representações de um *estilo brutalista*. Tal como o ecletismo dos anos 1940, o modernismo das décadas de 1950 e 1960, é, novamente, o desejo de demonstrar atualização em relação ao que ocorre nas grandes capitais. Trata-se da tentativa de reprodução de um modelo – não a “arquitetura como modelo”, que deveria criar espaços para uma sociedade democrática, inviável para a época, mas um *modelo de arquitetura*, ou seja, um invólucro que reunisse determinado tipo de características predeterminadas, que atendessem de modo objetivo a um programa estabelecido e, sobretudo, onde coubesse o desejo de demonstração de uma certa modernidade.

Referências Bibliográficas

BANHAM, Reyner. **Brutalismo em Arquitectura, Etica ou Estética?** .Barcelona: Gustavo Gili, 1966.

BASTOS, Maria Alice Junqueira & ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: Arquiteturas Após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

CÂMARA MUNICIPAL DE LONDRINA. Disponível em:
<<http://www1.cml.pr.gov.br/cml/site/historia.xhtml>>. Acesso em 08/08/2013.

CASTELNOU, Antonio. **Arquitetura Londrinense: Expressões de Intenção Pioneira**. Londrina: A. Castelnou, 2002.

ESTADO DO PARANÁ, O. **Sede Própria dos Dentistas: Norte**. Curitiba, 21/06/1975.

IAPAR. **Ciência, Tecnologia e Inovação na Agricultura do Paraná**. Londrina: IAPAR, 2010.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1997.

SUZUKI, Juliana Harumi. **Artigas e Cascaldi: Arquitetura em Londrina**. São Paulo: Ateliê, 2003.

_____. **Idealizações de Modernidade: Arquitetura dos Edifícios Verticais em Londrina 1949-1969**. Londrina: Kahn, 2011.

ZEIN, Ruth Verde. **As tendências e as discussões do pós-Brasília**. In: Projeto nº 53, julho 1983, p.75-85.

_____. **Brutalismo, sobre sua definição (ou, de como um rótulo superficial é, por isso mesmo, adequado)**. Arqtextos, São Paulo, 07.084, Vitruvius, maio, 2007.
Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/07.084/243>>. Acesso em 08/08/2013.